

Brincar é preciso!

*Guia para mães, pais, educadores
e para quem possa interessar...*



Autora: Marilena Flores Martins

Ilustrações: Jonas Tobias

Brincar é Preciso!

*Guia para mães, pais, educadores
e para quem possa interessar...*

1ª edição atualizada

© Evoluir, 2019

Título original	Brincar é preciso!: guia para mães, pais, educadores e para quem possa interessar...
Autor	Marilena Flores Martins
Ilustrações e projeto gráfico	Jonatas Tobias
Revisão	Luciane Gomide
Coord. editorial	Beatriz Monteiro da Cunha
Organização	Janine Dodge e Marilena Flores Martins
Colaboradores	Andrew John Swan, Edilene Modesto, Fabio Lisboa Martins Rosa, Henrique Cesarino Pessoa, Janine Dodge e Maria Paula da Silva Barros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martins, Marilena Flores

Brincar é preciso! : guia para mães, pais, educadores e para quem possa interessar... - /
Marilena Flores ; ilustrações e projeto gráfico: Jonatas Tobias ; coordenação editorial
Beatriz Monteiro da Cunha. - São Paulo : Evoluir Cultural, 2009.

1. Atividades criativas
2. Brincadeira
3. Jogos educativos
4. Jogos infantis
5. Jogos infantis – Aspectos psicológicos
6. Jogos infantis – Educação
7. Psicologia infantil. I. Tobias, Jonatas. II. Cunha, Beatriz Monteiro da. III. Título

09-04750

CDD 370.152

Índice para catálogo sistemático

1. Brincadeiras e jogos : Psicologia educacional 370.152

ISBN 978-85-87420-80-0

Edição atualizada em outubro de 2019; 1ª edição: 2009.

Este livro atende às normas do novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009.

Evoluir · FBF Cultural Ltda.

Rua Aspicuelta, 329 · São Paulo-SP · CEP 05433-010 · (11) 3816-2121

ola@evoluir.com.br · www.evoluir.com.br

Sumário

Agradecimento	5
Prefácio.....	7
Introdução à edição atualizada	9
Brincar como direito da criança.....	11
Brincar, para quê?	15
Brincar e o desenvolvimento infantil.....	18
<i>Os bebês</i>	<i>18</i>
<i>As crianças pequenas (3 a 6 anos)</i>	<i>22</i>
<i>As crianças dos 6 aos 9 anos de idade</i>	<i>25</i>
<i>As crianças dos 9 aos 12 anos de idade</i>	<i>29</i>
Brincar e as relações humanas	32
<i>Valores aprendidos no brincar.....</i>	<i>32</i>
<i>A diversidade e o brincar inclusivo.....</i>	<i>35</i>
<i>A riqueza do brincar intergeracional.....</i>	<i>37</i>
<i>Os Amigos do Brincar</i>	<i>38</i>
<i>O Agente do Brincar.....</i>	<i>40</i>
As formas do brincar são infinitas	43
<i>As atividades lúdicas e esportivas nas relações humanas.....</i>	<i>43</i>



<i>Brincar e a música, arte e contação de histórias</i>	<i>46</i>
<i>Os jogos cooperativos e a construção da paz.....</i>	<i>48</i>
Espaços para brincar e os brinquedos	51
<i>Importância e criação de espaços para brincar</i>	<i>51</i>
<i>Brinquedos e brincadeiras, sua classificação e aquisição</i>	<i>55</i>
<i>A construção de brinquedos e a sustentabilidade</i>	<i>58</i>
<i>Elaboração de projetos lúdicos sustentáveis: os eventos comunitários</i>	<i>59</i>
Pontos conclusivos	62
Sugestões de bibliografia para aprofundamento no brincar	63

Agradecimento

A realização deste Guia demonstrou que a concretização de um ideal só é possível com a construção coletiva, em que cada participante deixa um pouco de si mesmo, das suas experiências e emoções. Assim, quero expressar a mais profunda gratidão à minha família, aos meus parceiros na gestão e suporte da IPA Brasil e, principalmente, aos meninos e meninas que fazem parte desta trajetória, incluindo aí os meus queridos netos, e que nos ensinam diariamente que Brincar é o tempero da vida!

Esta nova publicação revisada e atualizada vem confirmar nossa crença de que, cada vez mais, precisamos libertar nossas crianças e deixá-las voar, pois somente assim teremos jovens e adultos criativos, solidários e felizes, prontos para promover as mudanças necessárias e transformar o mundo.

Agradeço imensamente a todos os novos parceiros que conquistamos nestes dez anos que se passaram desde a primeira publicação e, sobretudo, a essa equipe jovem comprometida e entusiasta que está à frente da IPA Brasil, liderada por Janine Dodge. As crianças deste Brasil só têm a agradecer pela defesa que vêm fazendo do seu inalienável direito de brincar!

Marilena Flores Martins



Prefácio

É inegável que a década passada marca substanciais avanços para a promoção do direito da criança. Este trabalho trata de um desses direitos, o direito de a criança brincar. Para muitos pode até parecer óbvio: criança tem direito de brincar, mas, ao refletirmos um pouco mais sobre a sociedade atual, nos deparamos com diversos fatores que limitam ou usurpam esse direito das crianças.

A proposta deste trabalho é exatamente fazer com que nós, adultos, não nos esqueçamos da nossa responsabilidade: garantir que a criança brinque.

Marilena Flores Martins, uma das pioneiras na defesa do direito da criança, conduz os leitores com responsabilidade e afeto, tratando com clareza e simplicidade conceitos importantes, atingindo o propósito de leva-los à prática refletida.

O manual apresenta indicações de atividades, organização de espaços e postura profissional, que certamente provocarão momentos de alegria, descontração e companheirismo.

Unida à autora, que admiro e a quem agradeço a honra de apresentar este trabalho, convido a todos:

Vamos brincar!

Roselene Crepaldi – Ludoeeducadora
Gerente de Gestão do Programa Cultura Viva
Secretaria de Programas e Projetos Culturais
Ministério da Cultura – MinC (2009)



Introdução à edição atualizada

Completamos uma década desde que a primeira edição deste guia foi lançada, em 2009. Nessa década, muitas coisas aconteceram no cenário do desenvolvimento infantil no mundo e no Brasil, mas só têm se tornado cada vez mais evidentes a relevância e necessidade de sua proposta original: compartilhar com mães, pais, educadores e cidadãos conscientes reflexões sobre a criança, o seu desenvolvimento e o seu direito às brincadeiras, à alegria e à vida!

A Marilena Flores Martins, autora deste guia e fundadora da Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura (IPA Brasil), continua atuando como defensora ímpar do direito das crianças e adolescentes ao brincar. Em 2012, foi convidada a ser membro do comitê técnico da IPA Internacional para elaboração do Comentário Geral 17 das Nações Unidas. Publicado em 2013, o Comentário Geral reforça a importância do Direito de Brincar no artigo 31 da Declaração dos Direitos da Criança. Marilena participou ativamente no preparo desta nova edição do guia.

Em 2015, em parceria com a organização Terre des

Hommes e o Centro Paulo Souza/SP, a IPA Brasil iniciou o curso Agentes do Brincar®, o primeiro curso de qualificação profissional sobre o brincar no Brasil. Já são mais de dez turmas e 250 alunos formados como Agentes do Brincar® nesse curso teórico-prático de 180 horas. A necessidade dessa formação está evidenciada no fato de que são mais de 10 alunos que buscam participar do curso por vaga oferecida e há muito interesse de profissionais de outras regiões do Brasil para levar o curso até eles.

Em 2016, o Marco Legal da Primeira Infância foi sancionado como lei no Brasil. Ele reconhece a importância do período de 0 até 6 anos para o desenvolvimento humano pleno e saudável, inclusive especificamente a importância do brincar nessa etapa da vida. Esse reforço do governo brasileiro é fundamental, pois podemos constatar que, infelizmente, o direito da criança ao brincar continua muito ameaçado.

Apesar de décadas de pesquisa evidenciando a sua importância, em todo o mundo, inclusive aqui no Brasil, as oportunidades para as crianças brincarem livremente vêm diminuindo. A preocupação de especialistas sobre o

declínio da brincadeira de crianças é tão grande que, em 2018, o mais importante periódico de medicina pediátrica do mundo, *Pediatrics*, publicou um relatório intitulado “O poder do brincar”.¹ O relatório pede que os pediatras promovam os benefícios das brincadeiras para os pais e os profissionais da educação infantil, e recomenda que eles prescrevam uma receita para brincar nas consultas das crianças. Aqui no Brasil, a revista *Veja* resumiu bem as conclusões do relatório com um título de um artigo a respeito: “O brincar é o melhor remédio”.²

Nesta segunda edição do guia, para facilitar ainda mais o seu uso, reorganizamos o conteúdo e incluímos um sumário para que possam encontrar rapidamente aquilo que mais interessa. Também atualizamos e ampliamos as informações oferecidas. Incluímos seções novas dedicadas aos temas do brincar inclusivo e intergeracional, por entendermos que são temas fundamentais na garantia do direito do brincar para todos. Mantivemos o modelo de oferecer textos mais conceituais em que apresentamos diferentes teorias e informações práticas sobre o brincar, intercalados com textos mais propositivos que chamamos Visão IPA Brasil, com indicações, comentários e sugestões de profissionais colaboradores da IPA e comprometidos com a causa pela defesa do direito de brincar.

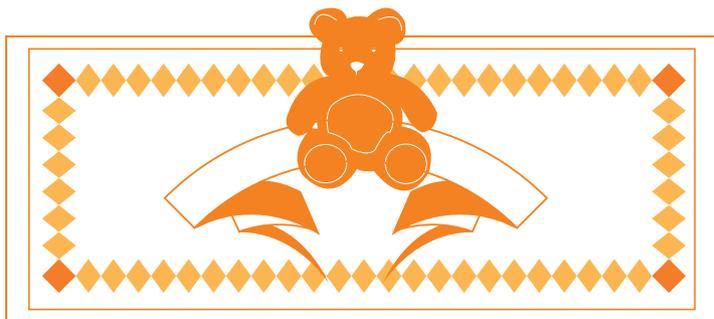
Continuamos acreditando que, quando o assunto é a infância, estamos falando sobre o nosso futuro. Se não tivermos um presente que respeite a condição da criança de fazer descobertas no seu próprio tempo, comprometeremos o seu amanhã. Pais e cidadãos motivados e comprometidos, junto com educadores capacitados, são os protagonistas para a construção de um cenário que garanta os direitos das crianças e dos jovens, contribuindo positivamente para o futuro do nosso planeta.

Uma década mais tarde, faço eco das palavras da Marilena na primeira edição do guia: “Teremos alcançado os nossos objetivos se, a par do compartilhamento de informações qualificadas, tivermos tocado os nossos leitores e leitoras, motivando-os a engajar-se na causa que é de todos nós, a defesa dos direitos das nossas crianças, principalmente o direito de brincar e ser feliz!”

Janine Dodge
Presidente da IPA Brasil

1 YOGMAN, M. et al. The power of play: A pediatric role in enhancing development in young children. *Pediatrics*, v. 142, n. 3, set. 2018.

2 “O brincar é o melhor remédio”, *Veja*, São Paulo, 5 set. 2018.



Brincar como direito da criança

Associação Brasileira pelo Direito de Brincar e à Cultura (IPA Brasil) (www.ipabrasil.org) foi fundada em 1997 e inspirou-se na IPA – International Play Association, existente desde 1961 na Dinamarca, que tem por missão a promoção do direito de brincar, baseando-se no artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança – ONU.

As ações da IPA Brasil têm sido no sentido de propugnar pelo direito da criança brincar, com participação ativa dos seus membros, em fóruns, seminários, veículos midiáticos e espaços comunitários e na democratização das informações atualizadas sobre o brincar, como instrumento fundamental para o desenvolvimento infantil.

Ao propormos o lançamento deste guia, queremos compartilhar, com mães, pais, educadores e cidadãos conscientes, reflexões sobre a criança, o seu desenvolvimento e o seu direito às brincadeiras, à alegria e à vida!

Em nosso país, por várias razões, desde os tempos mais remotos, o trabalho foi valorizado em detrimento do ócio, e brincar foi, e ainda é, considerado por alguns gru-

pos pura “perda de tempo”. Essa postura causa inúmeros prejuízos ao desenvolvimento de crianças e jovens, sendo, inclusive, um dos motivos que tornam difícil a erradicação do trabalho infantil, pois ainda existem pessoas que compartilham do paradigma de que é melhor trabalhar do que ficar “sem fazer nada”.

Quando falamos em uso do tempo, fica claro que não podemos dispor do tempo de ninguém, pois ele está intrinsecamente relacionado à vida de cada um e ao sentido que se dá a ela. Se considerarmos que brincar é a maneira pela qual as crianças estruturam o seu tempo, ou seja, suas vidas, precisamos reconhecer que falamos de direitos humanos e brincar é, antes de tudo, um direito da criança!

Os direitos humanos têm sido conquistados em um processo histórico, cheio de vicissitudes, por meio do qual as necessidades e as aspirações se articulam em reivindicações e em estandartes de luta, antes de serem reconhecidos como direitos. Implicam, na maioria das vezes, mudança de paradigmas e quebra de preconceitos. No Brasil, já passamos da primeira geração de direitos políticos, civis



e cívicos e toma corpo a segunda geração dos direitos sociais, econômicos e culturais, além de uma terceira geração de direitos, desta vez coletivos: direito à infância, ao meio ambiente, à cidade, ao desenvolvimento dos povos.

A Declaração dos Direitos da Criança, da qual o Brasil é signatário, foi adotada pela Assembleia Geral da ONU, em 20 de novembro de 1959, tendo em conta a necessidade de proporcionar à criança uma proteção especial, sendo o direito de brincar explicitado no artigo 31, cujo texto diz:

1. Os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.

2. Os Estados Partes respeitarão e promoverão o direito da criança de participar plenamente da vida cultural e artística e encorajarão a criação de oportunidades adequadas, em condições de igualdade, para que participem da vida cultural, artística, recreativa e de lazer.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) preconiza no seu artigo 4: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária”. E no artigo 16, parágrafo IV: “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Em 2016, o Marco Legal da Primeira Infância foi sancionado em lei. O artigo 5 reforça que o brincar e

o lazer constituam áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância. O artigo 17 faz referência explícita à necessidade de todos os níveis de governo no Brasil apoiarem o brincar: “Art. 17. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades”.

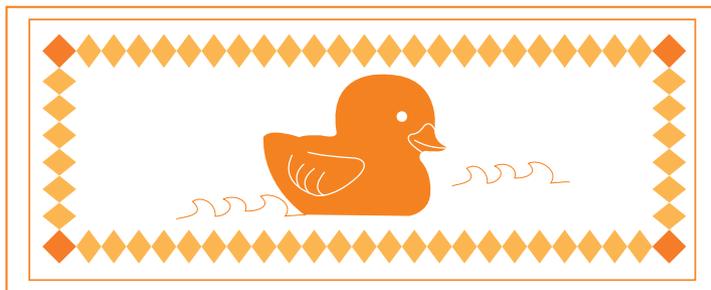
É de suma importância reconhecer que todas as crianças, sem nenhuma discriminação, têm direito ao brincar. O artigo 30 da Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência da ONU (CDPD) estipula: “As crianças com deficiência devem ter igualdade de acesso à participação nas brincadeiras, recreação, lazer e atividades esportivas, inclusive nas escolas”. A convenção impõe uma obrigação específica para que os governos tomem medidas apropriadas para assegurar que as crianças com deficiência tenham igualdade de acesso, com outras crianças, para participar de brincadeiras, recreação e lazer, incluindo essas atividades no sistema educacional. Essa obrigação não deve ser entendida como sendo limitada à oferta de oportunidades paralelas, que são iguais, mas separadas.

A Lei Brasileira da Inclusão de Pessoas com Deficiência de 2015, no seu capítulo IX, igualmente preconiza o direito de todos ao lazer e à cultura, incluindo as crianças e estabelece as condições para isso.

Sabemos, porém, que o cumprimento das leis depende tanto da ação dos gestores públicos, quanto da postura ética dos cidadãos, que podem e devem engajar-se na defesa dos direitos por elas assegurados. O engajamento consciente, no entanto, depende de informações que não só proporcionem nutrição para o cérebro mas também para a alma. Apresentar informações atualizadas e comprovadas sobre o brincar e a sua importância para o desenvolvimento infantil, bem como propor e sugerir medidas práticas para implementar esse direito, é a proposta da IPA Brasil e deste guia.







Brincar, para quê?

Todo mundo precisa brincar, faz parte do crescimento. Crianças necessitam de diferentes oportunidades de brincar de diversas maneiras, pois esse tipo de atividade faz com que elas mudem cada estágio do seu desenvolvimento de uma forma natural, permitindo-lhes fazer amigos, resolver dificuldades, seguir seus instintos, pensar e aprender com os outros.

Brincar, ao lado da satisfação das necessidades básicas de nutrição, saúde, habitação e educação, é uma atividade fundamental para o desenvolvimento das capacidades potenciais de todas as crianças.

Mães e pais preocupam-se com o futuro dos seus filhos, principalmente em questões como o sucesso profissional, o desenvolvimento saudável e as habilidades sociais, como bases para a felicidade. O importante é saber que brincar faz seus filhos mais felizes e que a criança que brinca fica mais esperta, aprende com mais facilidade e se torna um adulto mais realizado. As brincadeiras ajudam a criança a relacionar-se melhor com os outros, desenvolvem a sua criatividade, fazendo-as mais tranquilas e inteligentes.

Ao atender as crianças em suas necessidades, nós as tornamos resilientes. A resiliência é a capacidade de se recuperar, se superar psicologicamente e de ter um bom desempenho socialmente aceitável, apesar de alguma forma de tensão ou adversidade, proveniente de circunstâncias externas negativas. Os pilares da resiliência são: o Afeto, a Aceitação Incondicional, a Descoberta do Significado, as Habilidades Sociais, o Humor e a Autoestima.

Toda criança precisa de, pelo menos, um adulto que a aceite, incondicionalmente. Quando as crianças e os adultos brincam juntos, demonstram o seu afeto e expressam a aceitação incondicional: não há outro motivo para desfrutar a não ser a presença de um pelo outro, sendo um parte da vida do outro e pertencendo ao outro.

Um ambiente afetuoso e a aceitação incondicional desenvolvem a autoestima, que é o sentimento de estar bem consigo mesmo. Enquanto brincam, as crianças recebem continuamente informações sobre quem elas são; avaliam umas às outras e a si próprias. Portanto, elas desenvolvem mais ou menos autoestima.

As crianças precisam ter experiências em que elas pos-



sam descobrir o significado de suas vidas, o de viver neste mundo, o das relações interpessoais. Brincar é o estímulo que as ajuda a construir o seu projeto de vida.

As habilidades sociais, como conviver em grupo, capacidade de negociação, tolerância às diferenças, são aquelas que tornam possível a nossa vida em sociedade, o que contribui para o nosso desempenho pessoal e profissional. Brincando, as crianças desenvolvem essas habilidades naturalmente.

O humor é a capacidade que temos de rir dos nossos próprios erros, nos ajuda a ir em frente e levar a vida como se ela fosse uma brincadeira. Além disso, contribui para o equilíbrio emocional das pessoas e para o desenvolvimento da Paz. Brincar é a melhor maneira de desenvolvê-lo.



Visão IPA Brasil

As crianças sempre brincaram ao longo da história e em todas as culturas porque brincar é:

Comunicação e expressão, associadas ao pensamento e à ação criadora.

Um ato instintivo, voluntário e espontâneo liderado pela criança.

Uma atividade natural e exploratória que ajuda as crianças no seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social.

O testemunho vivo do imaginário e da cultura da criança.

Um meio de aprender a viver e não um mero passatempo.

Um instrumento pelo qual os seres humanos e os animais exploram.

Uma variedade de experiências em diferentes situações, para diversos propósitos.





Brincar e o desenvolvimento infantil

Os bebês

Desde o nascimento, a vida humana passa por mudanças significativas que, em relação às demais espécies, possui características únicas. A criança ao nascer tem um cérebro preparado para receber estímulos, logo, aprender; e, assim, fazer aquisições que serão importantes para que seja bem sucedida nas etapas seguintes do seu desenvolvimento. Porém, isso só será possível se compreendermos esse desenvolvimento como algo dinâmico que depende das interações que a criança estabelece com o meio físico (objetos, brinquedos, diferentes espaços e ambientes) e com o meio social (diferentes grupos de adultos e crianças).

Entre o nascimento e os 3 anos, muita coisa acontece para que ela aprenda a controlar os esfíncteres, a comunicar-se pela fala, a andar e a ter mais independência dos familiares e adultos mais próximos. Ao alimentar ou trocar uma criança pequena, não é só o

cuidado com a alimentação e higiene que são importantes, mas a afetividade que envolve essa situação. É nessa primeira relação afetiva positiva que o bebê vai aprendendo a ter confiança em si próprio e nos adultos que o rodeiam. Ser cuidado por um adulto atencioso, amoroso e alegre, portanto, é muito importante para o desenvolvimento do bebê!

Quanto menor a criança, mais as atitudes e os procedimentos de cuidados do adulto são de importância fundamental para o trabalho educativo que realiza com ela, uma vez que o cérebro humano se desenvolve mais rapidamente durante os primeiros meses, do que em qualquer outro período da vida, estabelecendo conexões que ficarão para sempre.

Pais são os principais agentes do desenvolvimento infantil, uma vez que é na interação com eles que os bebês conhecem o mundo ao seu redor. Os vínculos afetivos que se constituem nesse período irão influenciar a vida futura das crianças, o que de-





fine, inclusive, se ela será regida por condutas pacíficas ou violentas, dependendo da qualidade dos laços afetivos que se formarem.

Várias pesquisas têm demonstrado que, ao brincar com as crianças durante os primeiros meses de vida, pode-se evitar problemas de saúde, do ponto de vista emocional e físico. Além disso, o ato de brincar reúne todas as condições necessárias para que o desenvolvimento infantil se processe de maneira harmoniosa. Oferecer aos bebês objetos com diferentes texturas e formas, além de participar da sua brincadeira, favorece as suas experiências sensoriais, incluindo a exploração e a descoberta do mundo à sua volta e a maneira como relaciona os acontecimentos e interage com eles.

Bebês também aprendem com os pais, irmãos e irmãs mais velhos, portanto, divida esses momentos. Quando as famílias eram maiores, os avós, tios e primos viviam próximos uns dos outros e brincavam bastante com as crianças. Os pais são os parceiros preferidos pelas crianças pequenas em suas brincadeiras, pois, embora elas gostem muito de estar com outras crianças, podem ter alguma dificuldade para brincar com elas. Nessa fase, as crianças têm preferência por brincar sozinhas ou com um adulto, uma vez que sentem dificuldades para dividir um objeto ou brinquedo.

Brinquedos e brincadeiras não têm idade e, à medida que cresce, a criança se utiliza deles de diferentes maneiras. Porém, como o desenvolvimento ocorre muito rápido na fase do nascimento até os 3 anos, passaremos a enumerá-los por faixa etária apenas por uma questão prática.

Visão IPA Brasil

Bebês e crianças até 1,5 ano gostam de:

Fazer caretas e sons para serem observados.

Brincar com seus dedos, pés, paninhos e bonecos de pelúcia quando estiverem em seus berços, camas ou sobre um tapete no chão.

Brincar de esconder atrás de panos, lençóis, portas etc.

Tocar diferentes texturas e tamanhos.

Entrar em contato com diferentes aromas: flores, temperos.

Imitar gestos e sons de animais domésticos.

Fazer ginástica: pular sobre a cama, rolar no tapete, engatinhar, balançar nos joelhos.

Brincar de esconder e achar pequenos objetos.

Utilizar brinquedos empilháveis com diferentes tamanhos e cores, com argolas ou de puxar.

Brinquedos como: móveis suspensos ou presos nas laterais do berço, que emitem sons e luzes ou mesmo que sejam macios e apresentem contrastes de cores.

Música: os ritmos podem ser calmos e as palavras são importantes para o desenvolvi-



mento da linguagem. Utilizar objetos com diferentes sons, como brinquedos com guizo e chocalhos.

Ouvir histórias curtas e ver livros com figuras simples e com texturas. Estes podem ser de pano ou material lavável e macio.

Crianças de 1,5 ano a 3 anos apreciam:

Brincar de imitar gestos tais como lavar o rosto, limpar a casa ou engatinhar.

Brincar de “Imitar o Mestre”, ou seja, faça tudo o que o Mestre mandar, tal como andar de quatro, cantar como um galo etc.

Jogos corporais de equilibrar-se em um pé só, pular com os dois pés, correr de olhos fechados, brincar com bola ou rastejar em um túnel.

Ouvir uma pequena história e imitar os personagens principais, utilizando fantoches.

Brincar de “faz de conta”, fantasiando-se ou usando uma roupa velha ou de adulto.

Utilizar grandes caixas de papelão para fazer carros, lojas ou somente para explorar.

Utilizar blocos grandes de construção e de encaixe, em cores variadas.

Brinquedos com movimento e rodas: carrinhos de puxar ou empurrar, triciclos, cavaleiro de pau.

Jogos com bola, brincadeiras com balões (bexigas).

Brinquedos para brincar com terra, areia e água.

Brincar com tintas e outros materiais para o desenvolvimento da criatividade.

Manusear diferentes instrumentos, tocá-los e cantar. Brincadeiras que envolvem música, gestos e expressão corporal.

Brincar com outras crianças compartilhando um mesmo objeto, como entrar em uma caixa e ser empurrado, jogar bola, vestir uma boneca etc.

Brincar com crianças mais velhas, o que desperta o senso de cuidado e oferece para as menores modelos a serem seguidos.

As crianças pequenas (3 a 6 anos)

Crianças pequenas adoram estar com outras crianças, mas podem ter alguma dificuldade para brincar com elas. O desenvolvimento das crianças entre 3 e 6 anos de idade é bastante intenso e as etapas, que nessa fase, segundo Piaget, vão do período simbólico ao intuitivo, permitem o surgimento da linguagem, do desenho, da imitação, da dramatização e da imaginação. Brincar auxilia na construção da sua identidade.

No período que vai mais ou menos até os 4 anos, as crianças desenvolvem a fantasia, dão vida aos objetos e sua linguagem ainda está mais para o monólogo coletivo, isto é, falam todas ao mesmo tempo. Os sentimentos e as fantasias envolvidas no brincar constituem um elemento fundamental do crescimento infantil. É brincando e fantasiando que a criança dá continuidade ao seu processo de autoconhecimento, toma contato com a realidade externa, com os papéis sociais e passa a interagir com o mundo ao seu redor com os seus valores, regras e até mesmo constrangimentos.

Nessa fase qualquer peça de roupa que a criança use, seja uma fantasia completa, seja uma simples camiseta com o símbolo de seu herói ou heroína, desempenha papel fundamental, pois será como uma segunda pele, assumindo as características dos personagens que representa. A criança sente-se investida do poder do seu super-herói ou super-heroína. Ao fazer isso estará também treinando para superar suas dificuldades e valorizar as suas habilidades.

Uma capa de super-herói ou de princesa, por exemplo, provoca transformações não só na postura da criança como na suas atitudes, conferindo-lhe autodomínio e confiança, dando suporte nas diferentes situações e auxiliando no seu equilíbrio emocional, bem como na relação com o outro. Nessa fase são também muito ativas e gostam de brincadeiras que incluem movimentos corporais.

Na etapa que vai mais ou menos dos 4 aos 6 anos começam a se interessar pela explicação dos fenômenos. É o período dos “porquês”. Suas habilidades sociais começam a se desenvolver e elas passam de uma atitude egocêntrica para uma atitude de cooperação. É importante lembrar que o brincar favorece o desenvolvimento dos vínculos afetivos e sociais positivos, condição única para que possamos viver em grupo.

Utilizam igualmente a imaginação em suas brincadeiras e a sua fantasia começa a se aproximar da realidade. No faz de conta, quando vive diferentes papéis, a criança já se exercita para brincar com outras crianças, aprendendo a colocar-se no lugar do outro mesmo em uma brincadeira simbólica, cedendo e compartilhando e desenvolvendo a empatia, competência importante para as suas atividades futuras.

A linguagem evolui bastante nesse período e a criança consegue estabelecer diálogos com outras crianças. A leitura de histórias pode ser uma forma de brincar com palavras e figuras sendo uma atividade imediatamente prazerosa para crianças e adultos, além de proporcionar rica fonte para a imaginação. Os primeiros contatos das crianças com os livros e os materiais impressos são de suprema importância para elas, mas ainda mais importante é como os pais e os professores conversam com a criança sobre a leitura e como isso é interpretado por ela.





Tanto nas formas de arte, quanto em diferentes formas do brincar, existe uma riqueza de oportunidades criativas para que adultos e crianças expressem seu pensamento, conheçam e valorizem os talentos dos demais. As atividades artísticas podem dar suporte às atividades lúdicas, na criação de bonecos, máscaras, fantasias, adereços e cenários. Podem também construir casinhas de boneca, lojas ou cabanas, com caixas de papelão. As crianças apresentam o mundo como o veem e podem representá-lo de acordo com o estágio do seu desenvolvimento.

Proporcionar momentos de calma e contemplação para as crianças ajuda bastante no desenvolvimento da sua imaginação. Contemplar os formatos de nuvens que se movimentam é um bom exemplo de como isso pode ocorrer. Por outro lado, fazer experiências com os elementos da natureza como a terra, a água, o ar, permite que a criança crie, imagine e descubra.

Nessa idade, outra característica importante é o fato de serem capazes de organizar coleções e conjuntos. Elas começam também a utilizar jogos com regras e a entender o conceito do esporte justo, desenvolvendo o sentido da competição e da cooperação. Os esportes nessa faixa etária devem ser considerados uma brincadeira e também iniciados e dirigidos pelas próprias crianças, pois todas elas têm o direito fundamental a um desenvolvimento físico saudável.

Para que as crianças tenham exemplos positivos suficientes é fundamental que elas interajam com crianças de diferentes idades e brinquem juntas. As crianças copiam o comportamento das outras e os irmãos mais velhos dão subsídios a esse processo. Também é importante brincar em família. Brincar juntas significa que as crianças aprendem a reconhecer e dar apoio às necessidades dos outros. Assim desenvolvem a empatia, o que as tornam mais alegres, equilibradas e pacíficas.

Visão IPA Brasil

Crianças de 3 a 4 anos gostam de:

Brincadeiras de roda, pular, correr, escalar, rolar e escorregar.

Andar de bicicleta, brincar com terra, água e areia.

Massa para modelar, tintas com cores variadas para pintar.

Brinquedos com movimento, como carros, trenzinhos, aviões ou barcos.

Brincadeiras de faz de conta. Brincar de casinha, mamãe e papai. Gosta de imitar as atividades dos adultos, além de imitar outros seres.

Usar fantasias dos seus heróis preferidos, brincar de fantoches e de teatrinho.

Ir ao cinema, ao teatro e assistir a espetáculos de música e dança apropriados à sua idade.

As crianças dos 6 aos 9 anos de idade

Crianças de 4 a 6 anos apreciam:

Brincar de pular, correr, cantar e dançar.

Alguns brinquedos eletrônicos.

Atividades como andar de bicicleta e outros brinquedos com rodas.

Brincar com bonecos e bonecas, casinhas, seus utensílios, móveis e vestimentas.

Usar fantasias, principalmente dos personagens com os quais se identifica.

Ouvir livros de história, principalmente os de heróis e heroínas.

Teatrinho de fantoches.

Jogos com regras: memória, dominó e de tabuleiro.

Jogos de construção.

Massa para modelar, forminhas e potinhos, tinta não tóxica.

Caminhões, tratores, carros, aviões e trenzinhos.

Ir ao cinema, ao teatro e assistir a espetáculos de música e dança, apropriados à sua idade.

Aos 6 anos de idade, o grande impacto na vida das crianças é a sua inserção no ensino fundamental, mesmo para aquelas que já frequentavam a educação infantil. Isso deverá acontecer da maneira mais tranquila possível. Essa transição precisa ser feita de forma natural, com uma proposta pedagógica estimulante e lúdica que ofereça às crianças oportunidades para desenvolver seu corpo, mente e alma, de forma indivisível e integrada.

Os pais e educadores precisam respeitar o tempo que cada criança necessita para assimilar a nova realidade com confiança, compreensão e alegria. Elas precisam exercitar os seus sentidos, estimular a criatividade, brincar, expressar-se, relacionar-se, mover-se, organizar-se, cuidar-se, agir e responsabilizar-se.

Seu crescimento é rápido. Seus movimentos têm mais controle e as crianças passam a ter a necessidade de mais estimulação ativa, seu nível de energia parece não ter fim! Habilidades motoras amplas e finas se desenvolvem juntas já que muitas atividades dependem da coordenação de ambas.

Há um rápido desenvolvimento social também. Elas querem brincar com os outros, o que pode incluir que o adulto brinque com elas ou crie oportunidades para que se divirtam com outras crianças. Ao estabelecer rotinas diárias e interação com amigos e adultos, as crianças começam a entender as regras sociais e a desenvolver o sentido de cuidar. Começam a testar o mundo à sua volta, o que inclui aí as regras. Ao brincar com outras crianças, aprendem a enfrentar conflitos e a lidar com o sucesso ou o fracasso, com a raiva ou a alegria. Brincando dentro e fora de casa, além da escola, começam a definir também as brincadeiras de acordo com o seu sexo.

A atitude dos adultos no ambiente em que a criança vive faz também uma enorme diferença; a qualidade da vida imaginativa das crianças se beneficia de um apoio ao seu faz de conta, em que os pais e/ou educadores estejam também em contato com a sua própria vida de fantasia e consigam mostrar o mundo para as crianças, de modo

sugestivo e inspirador. O imaginário infantil e a ludicidade andam de mãos dadas no brincar da criança. O mundo para elas não tem limites, que são do tamanho da sua imaginação.

Existe uma grande preocupação dos pais em relação ao preparo dos filhos para o futuro. Apesar de legítima, ela não pode comprometer a qualidade do desenvolvimento infantil em função de um desempenho profissional ainda remoto. Os pais que compartilham esse pensamento consideram que uma agenda de adultos poderá ser a garantia de sucesso pessoal e profissional para os seus filhos. Para eles, as ocupações diversificadas e as alternativas estruturadas, além da escola, devem ocupar o tempo livre das crianças.

No entanto, está comprovado por especialistas e educadores que uma agenda infantil excessiva compromete a concentração e o aprendizado. Para Maria Angela Barbato Carneiro, professora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), dependendo da faixa etária, as crianças devem fazer atividades extracurriculares, no máximo, três vezes por semana, para que elas possam ter períodos livres para brincar. Quanto menor a criança, menos atividade extracurricular ela deve ter. O aumento só deve ocorrer quando ela solicitar. O excesso de atividade pode tornar as crianças estressadas, agressivas e irritadiças.

Além disso, para um número crescente de crianças, vídeos, computadores, smartphones e jogos eletrônicos estão substituindo o tempo que utilizavam com as brincadeiras tradicionais, o que pode provocar efeitos secundários pouco desejados para o desenvolvimento físico e emocional das crianças tais como: obesidade, isolamento, agressividade e intolerância. Em 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou novas diretrizes sobre o uso de telas pelas crianças. De acordo com essas novas diretrizes, crianças entre 2 e 5 anos devem ficar limitadas a apenas 60 minutos de tela por dia (e quanto menos, melhor). As crianças menores de 2 anos não devem gastar tempo com telas.

Como não podemos excluir as telas totalmente das suas vidas, sugerimos a participação do adulto com a adoção de algumas medidas que podem contribuir para equilibrar a situação.



Visão IPA Brasil

Crianças dos 6 aos 9 anos apreciam:

Atividades que estimulem a sua autonomia e iniciativa, que evitem a monotonia, o exagero de atividades “acadêmicas” ou de disciplinamento exagerado.

Oportunidades para as brincadeiras espontâneas, o uso de materiais criativos, os jogos, as danças e os cantos, as múltiplas formas de comunicação, de expressão artística, de criação e de movimento.

Ir ao parque ou convidar os amigos para brincar em casa.

Brinquedos eletrônicos.

Atividades de iniciação aos esportes que facilitam o aprendizado de regras e de atuação em equipe.

Brincar de casinha. Gostam ainda de cantar e dançar além de brincar com bonecas; os meninos também participam dessas brincadeiras e gostam bastante de jogos com movimento e desafios.





Misturar ingredientes de cozinha e preparar alimentos simples na companhia de adultos.

Mesclar tintas para obter cores e cheiros novos utilizando-as em diferentes formas de expressão artística. Gostam de desenhar e se expressam com riqueza de detalhes.

Montar, construir e brincar com jogos que tenham propostas simples, como os dominós, jogos de memória, lotos etc. Estes podem ser construídos com materiais recicláveis e na companhia de adultos ou crianças mais velhas, o que pode ser um momento interessante para transmitir, na prática, os conceitos de educação ambiental.

Ir ao cinema, ao teatro e assistir a espetáculos de música e dança, apropriados à sua idade.

Livros de contos, principalmente os que falam de valores e que são importantes para o seu desenvolvimento intelectual e emocional. Através deles podem aprender a identificar e a reconhecer, nos outros e em si mesmas, pensamentos e sentimentos que ajudam ou atrapalham a sua relação consigo mesma e com os outros.

Visão IPA Brasil

Para controlar o uso excessivo de equipamentos eletrônicos, os adultos podem:

Definir, em comum acordo, o controle do tempo que a criança passa em frente às telas, buscando respeitar as orientações da OMS.

Oferecer alternância com outras formas de ocupação.

Participar junto com a criança, mediando e comentando sobre o que estão assistindo.

Verificar o conteúdo da programação e dos jogos eletrônicos.

Utilizar os teores positivamente, considerando as possibilidades oferecidas para que a criança possa enriquecer o seu universo informacional com múltiplas histórias, embasadas em diferentes culturas.

Esclarecer a criança sobre as linguagens da mídia e sobre aquelas que podem levar ao consumo exagerado ou inadequado.

Ler histórias como uma forma de brincar com palavras e figuras, sendo uma atividade prazerosa para ambos e uma rica fonte de imaginação para as crianças.

As crianças dos 9 aos 12 anos de idade

A partir dos 9 anos de idade começa uma fase de bastante autonomia para as crianças, que foram progressivamente preparadas para fazer escolhas e reconhecer as suas capacidades. Além de se tornarem mais independentes e com maior equilíbrio e consciência corporal, as crianças nessa faixa de idade podem abandonar alguns interesses anteriores e adquirir novos. Passam também por transformações físicas e mentais muito intensas.

A partir dessa idade podem iniciar as atividades esportivas, mas sempre de forma lúdica. Até os 11 anos, segundo os especialistas, as crianças não têm a musculatura e o desenvolvimento motor suficientes para um programa intenso de treinamento. O esporte é considerado a atividade que oferece ao indivíduo a oportunidade do exercício físico, movimento e desafio. Tem, nessa fase, muitas características de brincadeira. Por esse motivo é preciso despertar o interesse das crianças de forma natural e espontânea.

As crianças aprendem copiando umas às outras e isso inclui a expressão criativa. Elas apresentam o mundo como o veem e podem representá-lo de acordo com o estágio do seu desenvolvimento. Tanto nas formas de arte, como em diferentes formas do brincar, existe uma riqueza de oportunidades criativas para que adultos e crianças se expressem e conheçam novas possibilidades em contato com o outro. Brincar, jogar e praticar esportes propicia o convívio entre elas e oferece oportunidades para explorarem problemas e desenvolverem soluções. Isso resume a criatividade!

Há outro fator bastante atual que considerar: a partir dos 9, 10 ou 11 anos de idade, as crianças passam por um amadurecimento precoce. Os meninos sentem-se bastante atraídos pelos jogos eletrônicos e as meninas pelas mídias sociais. As crianças são muitas vezes estimuladas pelos meios de comunicação a ter atitudes de adolescentes, com o uso de produtos completamente inadequados à sua idade e ao seu desenvolvimento. O que poderia ser ainda uma brincadeira de faz de conta, passa a tornar-se uma realidade de consumo. Seus excessos trazem o risco de as crianças desenvolverem valores distorcidos da realidade, o que pode comprometer o seu futuro. Para evitar possíveis efeitos negativos do uso excessivo de recursos tecnológicos, há também nessa fase alguns cuidados por parte dos adultos.



Visão IPA Brasil

As crianças de 9 aos 12 anos gostam de:

Jogos com bola, brincar na água, correr, saltar, equilibrar-se ou equilibrar objetos.

Mesclar as atividades solitárias, como ler uma revista, ficar em frente às telas ou jogar vídeo game, com aquelas que incluem exercícios físicos, bem como os jogos em grupo ou com regras.

Acompanhar os pais em atividades esportivas ou frequentar clube ou escolinha esportiva, tudo como brincadeira e estando sempre atentos para evitar os treinos agressivos bem como os excessos competitivos.

Aprender jogos cooperativos.

Participar de torneios de jogos com regras: dominó, xadrez e outros.

Atividades criativas como o desenho, por exemplo. Seus trabalhos têm grande riqueza de detalhes.

Oportunidades para experimentações científicas.

Fazer viagens e passeios de aventura.

Atividades artísticas como o teatro que, em suas inúmeras formas de representação, é uma ótima oportunidade para que as crianças apresentem, de forma imaginativa, sua visão de mundo.

Música e dança.

Literatura infantil, quando viajam nas asas da imaginação. Os temas oferecidos pela TV, por exemplo, poderão servir de centro de interesse para voos mais altos.

Ir ao cinema, ao teatro e assistir a espetáculos de música e dança, apropriados à sua idade.





Brincar e as relações humanas

Os valores aprendidos no brincar

Desde os primeiros meses de vida, a criança se inclui no mundo por meio dos vínculos que estabelece com os adultos que cuidam dela. Desde bem pequena demonstram de forma evidente suas necessidades básicas, que incluem, além da alimentação e dos cuidados pessoais, o afeto, o estímulo e o reconhecimento. As pessoas já adultas continuam demonstrando essas mesmas necessidades por toda a vida.

Enquanto brincam, as crianças adquirem os conceitos de valores, limites e responsabilidades, e recebem informações do que podem e do que não podem fazer.





Visão IPA Brasil

Valores fundamentais que podem ser transmitidos para as crianças através das brincadeiras:

Confiança As crianças precisam aprender a confiar em si e nos outros e isso acontece quando depositam confiança em sua família e nos adultos com os quais se relacionam. Esse sentimento é a base para a autonomia.

Honestidade Baseia-se na confiança que as pessoas desenvolvem umas nas outras. Ajuda a desenvolver a solidariedade.

Verdade São os fatos reais sobre a situação e entre as pessoas, não algo inventado, imaginado, escondido. A confiança ajuda a reconhecer a verdade.

Esperança A vocação para sonhar é parte da personalidade humana. A criança precisa resgatar o sonho e a fantasia em sua vida para vivê-la positivamente.

Alegria Criar um ambiente festivo e estimulante, com brincadeiras e momentos de descontração, ajuda não só o desenvolvimento saudável da criança, mas auxilia os adultos a relaxar depois de um dia difícil e a encarar a vida com mais otimismo e coragem.

Beleza A capacidade de descobrir o belo nas pequenas coisas é fundamental para o desenvolvimento da alma infantil. Ela desperta também qualidades anímicas que são a fonte geradora de energia vital e do desenvolvimento saudável do corpo e da mente.

Tolerância Ao brincar e conviver com pessoas de diferentes idades, capacidades, culturas e etnias, as crianças aprendem a aceitar as diferenças, desenvolvem a tolerância e o respeito pelo outro, condições indispensáveis para a construção da paz.

Humildade Aceitar a sua vez na hora de jogar e aprender a perder, com as suas emoções controladas, contribui para que as crianças reconheçam que nem sempre sabem ou podem tudo e precisam ter humildade para reconhecer o quanto ainda precisam desenvolver-se.

Generosidade Crianças que são tratadas com respeito, afeto e confiança entendem que têm o seu lugar no mundo e que a sua contribuição é importante para o grupo, fatores que as levam a responder com um comportamento solidário e generoso quando dele precisarem.

Cuidar Crianças mais velhas que brincam com crianças pequenas desenvolvem o senso de cuidar do outro, assim como brincar em contato com a natureza ou com os animais as estimula a cuidar do ambiente em que vivem.

A diversidade e o brincar inclusivo

Todos somos iguais em nossa essência humana mas, felizmente, somos também diferentes. Diferenciamos na aparência física, nas habilidades, nos interesses, na idade, na experiência e em muitos outros aspectos. Isso é o que caracteriza e enriquece a diversidade do ser humano e dos grupos sociais, em que as pessoas dependem umas das outras e se complementam, construindo um mundo em paz e com oportunidades para todos.

Crianças com deficiências são, antes de mais nada, crianças que também fantasiam e sonham, apresentam as mesmas necessidades afetivas e sociais de qualquer outra criança. Precisam ser estimuladas, o mais cedo possível, por adultos pacientes e amorosos que utilizem brinquedos e materiais lúdicos adequados e desafiadores para desenvolver-lhes os sentidos e as potencialidades.

Para se sentirem aceitas e incluídas, as crianças precisam ser ouvidas e respeitadas como sujeitos de direito, independentemente das suas competências ou habilidades. Precisam sentir-se parte de um grupo, de uma comunidade, do mundo. Brincar com outras crianças, além de desenvolver suas potencialidades, poderá proporcionar-lhes autoestima e senso de pertencimento. Todas as crianças, com ou sem deficiência, precisam e têm direito de brincar.

As crianças com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo os quais, junto com barreiras sociais, econômicas ou culturais e físicas, podem limitar a sua capacidade de participar plenamente na sociedade em igualdade de condições com os demais. São elas:

- Crianças com deficiências físicas, como as usuárias de cadeiras de rodas.
- Crianças com distúrbios psicossociais.
- Crianças com deficiência intelectual ou dificuldades sérias de aprendizagem.
- Crianças com deficiências sensoriais, incluindo aquelas que são surdas, surdo-cegas e cegas.
- Crianças com deficiências múltiplas. Frequentemente, as mais negligenciadas e mais vulneráveis.

Muitas crianças com deficiência têm poucos momentos para sentirem-se aptas a fazer uma escolha verdadeira e controlar a própria vida, porque passam grande parte do seu tempo em sessões de terapia ou dependem dos adultos para vivenciar novos lugares ou situações. O brincar é um espaço em que as crianças podem descobrir o próprio significado da vida e serem elas mesmas.

A flexibilidade e a tolerância para aceitar a diversidade e o uso da criatividade são condições necessárias para que o brincar aconteça. Desenvolvê-las é também promover acessibilidade! Os brinquedos e brincadeiras são instrumentos para a inclusão da criança em todos os ambientes e para a sua interação com pais, irmãos, colegas e amigos, sendo também importante ferramenta de atuação para os profissionais que dela cuidam.

Múltiplas barreiras impedem que as crianças com deficiência tenham garantido o seu direito de brincar. Brincar é necessário e possível, desde que olhemos a situação do ponto de vista da criança e façamos as adequações neces-

sárias para auxiliá-las a se desenvolverem. Alguns princípios são fundamentais para que as oportunidades para todos brincarem sejam efetivas. São eles:

- Reconhecer que crianças com deficiência têm o mesmo direito de outras crianças, para ter tempo e espaço para brincar livremente, escolhidos por elas próprias, sem serem indevidamente superprotegidas.
- Oferecer brinquedos em tamanho e consistência adequados para que crianças com dificuldades motoras possam manuseá-los facilmente.
- Adotar medidas proativas para remover barreiras de acesso físico a parques e outros espaços de brincar para que as crianças com deficiência convivam com outras crianças.
- Oferecer capacitação especializada no brincar inclusivo a todas as pessoas de instituições e serviços voltados à infância, no sentido de atender a demandas específicas.
- Preparar a rede de apoio social para a efetiva inclusão da criança com deficiência nos programas, serviços e demais recursos públicos voltados às crianças em geral.



Através da experiência do brincar inclusivo em que se sintam incluídas e apoiadas, todas as crianças com ou sem deficiência recebem muitos benefícios:

Um verdadeiro entendimento do mundo onde há similaridades e diferenças entre as pessoas.

O desenvolvimento de atitudes como: tolerância, apreciação da diferença, aceitação das perspectivas e percepções do outro, mais do que as delas mesmas.

A criação de um ambiente lúdico mais rico que inclua diferentes linguagens e métodos de comunicação e uma ampla gama de materiais lúdicos.

Um senso positivo de si mesmas, de sua autoestima e reforço positivo de sua identidade.

O fortalecimento das experiências ligadas ao currículo escolar, principalmente as de caráter socioemocional, conhecimento e entendimento do mundo e da cidadania.

O aumento da capacidade de exercer os seus direitos, principalmente aqueles que se referem aos direitos de cidadania.

A riqueza do brincar intergeracional

Conviver com as diferenças, sejam elas quais forem, é fundamental para as crianças, pois, ao reunirmos todos os segmentos que compõem a família: adultos, pequenos, jovens e idosos, todos aprendem com e sobre todos. O brincar é um poderoso instrumento para o estabelecimento de relações interpessoais e intergeracionais, alegres e positivas.

Crianças e idosos quando convivem juntos têm muito a oferecer uns aos outros, em um processo de fortalecimento e troca cultural entre as gerações. As brincadeiras facilitam a socialização e a relação entre indivíduos de idades iguais ou diferentes, com competição e cooperação, e são regulamentadas por regras transmitidas de geração a geração ou por acordos momentâneos, de forma espontânea e prazerosa.

Os idosos têm um papel único, muito importante na realização do direito das crianças ao brincar, pelos seus conhecimentos e experiência de vida, além dos vínculos familiares e comunitários. Brincar é um ato de amor incondicional de que toda criança necessita.

Capacitados no brincar e atuando com as crianças, os idosos podem facilitar a aprendizagem e a inclusão das crianças na sua própria cultura. As pessoas mais velhas geralmente são aquelas que cultivam a memória das informações da família e dos acontecimentos marcantes nos grupos de amigos. Os mais velhos são uma espécie de “guardiões” de hábitos, da cultura local, dos fatos, de tudo que vale a pena ser lembrado! Por essa razão, os idosos podem ser considerados importantes.



Visão IPA Brasil

A criança não tem preconceitos e brincar em espaços multigeracionais como os parques ou em contato com a natureza ajuda-a a entender e respeitar as diferenças e a criar vínculos com pessoas de diferentes idades, capacidades, origens e culturas.

Nosso país é rico em tradições culturais presentes nas diferentes regiões. Conhecê-las e valorizá-las, como as brincadeiras tradicionais e as festas populares, é enriquecer o universo do conhecimento de nossas crianças.

Contar histórias e brincar entre as gerações valoriza a experiência adquirida pelos mais velhos, oferecendo-lhes oportunidades para trocas afetivas e para que transmitam seus conhecimentos, habilidades e aptidões, envolvendo as crianças.

Pessoas mais velhas podem também construir brinquedos junto com as crianças, além de colaborar para a manutenção deles nas brinquedotecas ou em outros espaços comunitários.

Cozinhar pode ser uma ocupação divertida para netos e avós e o resultado poderá ser a confecção de biscoitos, bolos, docinhos ou uma divertida salada e assim contribuir para a educação alimentar das crianças, que recebem informações sobre os alimentos enquanto cozinham.

Crianças e adultos que brincam juntos desenvolvem a confiança uns nos outros e criam laços duradouros e positivos.

Os Amigos do Brincar

O espaço público, com sua riqueza e diversidade, permite o seu uso por todos, independente de faixa etária, raça, etnia, cultura e classe social. Trabalhar para assegurar a existência desses espaços com diversidade e qualidade é oferecer às crianças oportunidade para aprender a conviver, isto é, viver com os outros no espaço que é de todos, de forma harmoniosa e pacífica.

Todas as comunidades devem ter espaços com atividades disponíveis para que as pessoas possam se encontrar e desfrutar de momentos de alegria e descontração. Existem experiências interessantes em que as mães e os pais tomaram a iniciativa e criaram grupos de apoio para facilitar a convivência de adultos e crianças. Uma delas é a dos Amigos do Brincar, que são grupos de pais e crianças que se reúnem em algum local da comunidade onde vivem para desenvolver atividades lúdicas e de convivência.

Os encontros dos grupos podem oferecer apoio de muitas maneiras, sendo que o mais importante é o contato social. Os pais compartilham as suas experiências enquanto as crianças brincam. Grupos de Amigos do Brincar são também um excelente caminho para crianças menores e para aquelas em idade escolar encontrar-se e brincar com outras crianças pequenas, e assim desenvolver habilidades pessoais e sociais.

Todos podem se organizar e criar um grupo de Amigos do Brincar!



Visão IPA Brasil

Por que organizar grupos de Amigos do Brincar?
Eles são uma boa oportunidade para os pais:

Encontrarem novas pessoas e fazer novos amigos. Os grupos sociais reduzem o estresse e a ansiedade nos pais e nas suas crianças, o que pode fortalecer a autoconfiança.

Estimularem a sociabilidade das crianças e dos adultos.

Compartilharem as suas preocupações, ideias e experiências uns com os outros.

Discutirem os desafios ou os comportamentos das crianças menores ou maiores.

Aprenderem novas técnicas lúdicas e ideias de outros.

Compartilharem diferentes habilidades, e isto pode ser importante em grupos pequenos. Alguns pais podem ter dificuldades para brincar com as crianças ou desenvolver atividades, entretanto, eles podem ser bons em reunir outros adultos. Alguns podem ser contadores de histórias e outros fisicamente ativos.

Fazerem algo positivo e com uma atividade fora de casa, serem mais felizes.

Serem bons pais. Qualquer envolvimento dos pais no desenvolvimento de suas crianças é importante!

São bons para as crianças pois:

Proporcionam oportunidades para brincar e aprender.

Oferecem atividades em um ambiente saudável, amoroso, fora de casa, em parte do dia.

Proporcionam oportunidades para as crianças interagirem com adultos que não sejam da família (fora da escola) e aprender a desenvolver um relacionamento de confiança com eles.

Apoiam aquelas que estão começando a desenvolver habilidades sociais como: compartilhar, esperar a vez, explorar responsabilidade, independência, autoconfiança, tomar decisões e saber trabalhar em grupo.

Ajudam a prontidão das crianças para a escola por meio de atividades lúdicas que estimulam a linguagem e o desenvolvimento do pensamento. Oferecem um lado da rotina das crianças fora da família, em um ambiente familiar positivo.

Oferecem modelo de papéis. As crianças aprendem umas com as outras sem se preocuparem com autoridade (pais/adultos). São ambientes informais e as brincadeiras devem ser livres.

Desenvolvem as comunidades. Investindo no desenvolvimento da criança, ela aprende a ser cidadã e, precocemente, desenvolve relacionamentos semelhantes com outras crianças e adultos.

Compartilham experiências oferecendo novas brincadeiras, jogos, arte e oportunidades culturais como cantar, dançar, fazer artesanato, livros de experiências e inventar histórias.

Combinam recursos: lugar para brincar, pessoas disponíveis, brinquedos, livros, jogos, habilidades artísticas e lúdicas.

O Agente do Brincar

Quando atuamos com pessoas, é importante nos conhecermos e saber também como elas se desenvolvem e do que precisam. Todos podem utilizar o brincar como instrumento para o desenvolvimento infantil, encorajar as crianças a brincar, oferecendo-lhes oportunidades para participar de jogos, criar, explorar, descobrir e, algumas vezes, enfrentar riscos, divertir-se e fazer muitas coisas diferentes sozinhas ou com outras crianças. Em um espaço adequado para brincar, as crianças farão escolhas sobre o que elas brincam e com quem brincam. Nele atua o Agente do Brincar como animador e facilitador.

O Agente do Brincar é antes de tudo um educador e, como tal, promoverá mudanças nas pessoas e no contexto familiar e social em que vivem. Também é um educando permanente, pois, ao mesmo tempo que auxilia a criança ou o jovem na construção do seu conhecimento, desenvolve-se também com as experiências trocadas, ampliando sua dimensão educativa. Os interessados nesta atividade devem possuir predisposição para o desenvolvimento das relações interpessoais, da liderança, da comunicação, da criatividade, além de habilidades físicas, psicológicas e sociais necessárias a um bom desempenho.

Habilidades, atitudes e valores importantes para os Agentes do Brincar:

Liderança A liderança, para ser respeitada, precisa ser natural, espontânea. O verdadeiro líder é entusiasta, dinâmico e acumula conhecimento em uma ampla gama de assuntos. Tem boa memória e está sempre buscando melhorar o sistema em que atua.

Criatividade O Agente do Brincar é um criador de acontecimentos. Em outras palavras faz acontecer, realiza. Além da atitude reflexiva, os agentes precisam passar também para a ação. Não podem esquecer que as crianças aprendem muito mais com os modelos de atitudes do que com discursos elaborados.

Organização A organização externa do espaço e das atividades é interiorizada pelas crianças, tanto quanto o seu aprendizado. O agente que deseja efetividade no seu trabalho organiza seu programa de atividades, seu material, seu ambiente de trabalho, de modo que se sinta confiante e transmita segurança aos participantes.

Flexibilidade O agente precisa ser flexível e permitir que as crianças decidam com ele a programação, por onde começar e que tipos de brincadeiras utilizarão conforme o interesse do grupo e o seu repertório. O agente poderá enriquecer esse momento ensinando e propondo novas técnicas ou modalidades. O agente precisa ser flexível também para responder a questões diversas e desenvolver sua capacidade para “ver” e “ouvir”. Atuará dando o

primeiro passo no sentido de ajudar o outro no seu processo de desenvolvimento pessoal e conquista da autonomia, requisito fundamental para que os indivíduos alcancem a felicidade!

Respeito O ser humano está em constante interação com o outro e precisa sentir-se amado e respeitado incondicionalmente. Por esse motivo, é importantíssimo que o agente veja e ouça em cada menino ou menina com os quais se relaciona aquilo que ele ou ela tem em comum com as demais crianças e não o que os diferencia. É preciso saber da sua história pessoal e familiar, bem como do contexto cultural em que vivem, sem compará-los a padrões preestabelecidos.

Vocação para a Pesquisa Pesquisar novas formas de abordagem e de transmissão de conhecimentos e técnicas é o que faz o verdadeiro agente do brincar. Ele nunca está satisfeito com os resultados obtidos, não para punir, mas sempre para buscar novas e melhores maneiras de aperfeiçoar o seu trabalho. Coleta informações e compara resultados, sempre no sentido de buscar indicadores para a efetividade do seu trabalho.

Laborabilidade O verdadeiro agente tem amor ao trabalho e disponibilidade para assumir novos desafios que levem ao aprimoramento de si mesmo e do seu trabalho.



Atividades para o autoconhecimento dos Agentes de Brincar:

Em um grupo, um bom meio de começar uma atividade para conhecer a si mesmo e ao outro é propor que cada participante conte uma história significativa na sua vida. Por exemplo, se queremos falar sobre brincadeiras de rua, pedimos para que cada um lembre ou escreva um acontecimento de sua vida relacionado ao tema.

Quando compartilhamos histórias, nos colocamos no lugar do outro e relembramos sentimentos esquecidos, além de desenvolvermos uma parceria e intimidade com o grupo. A ideia é semear, em cada um, uma grande vontade de que as crianças tenham, no futuro, boas lembranças sobre o brincar, como cada participante tem.

Outra atividade interessante é a do quebra-cabeça cooperativo – todos se ajudam para vencer um desafio, trabalhando com a autoestima, habilidades sociais, humor etc.

Brincadeiras de faz de conta ou teatrais, como representações humorísticas, ou de parlendas e trocadilhos e apresentações musicais são também importantes para o conhecimento mútuo.



As formas de brincar são infinitas

As atividades lúdicas e esportivas nas relações humanas

Quando vemos a dedicação e o sacrifício dos atletas, isso pode parecer muito distante de uma criança brincando sozinha ou com amigos. De fato, se nós considerarmos uma definição livre de ambos, poderíamos chegar à conclusão de que são muito diferentes.

O ato de Brincar é reconhecido como algo instintivo, exploratório, voluntário e espontâneo. O controle e a direção das ações são feitos pelas crianças e guiados pelo prazer de brincar. O produto final não é tão importante como

o processo por si só. O Esporte, por outro lado, é uma atividade dirigida por um conjunto de regras ou costumes e frequentemente tem uma natureza competitiva em busca de resultados.

No entanto, se nós analisarmos os primórdios do esporte e das brincadeiras, poderemos observar que o lúdico aparece nos dois. Por outro lado, muitos dos esportes são jogos que evoluíram do passatempo das crianças. Futebol, Natação, Ciclismo, Beisebol, até mesmo elementos da ginástica, foram inicialmente brincadeiras de criança. A maior parte dos times de esporte modernos se desenvolveu porque os adultos quiseram continuar a praticar os jogos da infância, pois, à medida que exploram seu próprio passado, tentam se lembrar de quais atividades os faziam

sentir-se livres e ter bons relacionamentos. Eles voltaram a brincar e gostaram disso.

O desafio dos pais e educadores é dar às crianças as oportunidades de participarem das atividades tanto de brincar quanto das esportivas, lembrando que o mais importante é olhar além do OURO do vencedor e ver a felicidade do atleta em alcançar o melhor de si!

Estudiosos têm identificado cinco atributos necessários para o desenvolvimento da criança utilizando as atividades esportivas. É por meio deles que podemos contemplar os benefícios do brincar e dos esportes. São eles:

Interação social O desenvolvimento da linguagem e das habilidades sociais é mais eficaz quando misturado com as atividades em grupo, como a capacidade de entender regras e instruções simples. Amigos e colegas assumem importância gradativa na vida das crianças, uma vez que elas aprendem muito mais imitando o comportamento dos outros; experimentando com seus amigos, sentem-se felizes também!

Atividade física As crianças desenvolvem as suas habilidades motoras pelo movimento dos músculos, como andar, correr, escalar, rasgar, balançar, puxar, sacudir-se e chutar.

Estimulação intelectual O esporte e as brincadeiras oferecem oportunidades para o desenvolvimento intelectual tais como: propor soluções, fazer estimativas, contabilizar, planejar, comparar e julgar.

Expressão criativa Encontrar caminhos para agarrar, driblar ou salvar uma bola são formas da expressão criativa encontradas nos jogos e nos esportes. A criatividade é excitante e prazerosa e oferece oportunidade para explorar problemas e desenvolver soluções.

Estabilidade emocional As crianças que aprendem a brincar, controlando livremente as brincadeiras e sentindo um prazer natural com isso, tendem a manter o interesse por essas atividades. Brincar e praticar esportes permitem que as crianças explorem o mundo e encontrem o seu lugar nele. Ajudam a aprender a vencer e a perder, uma vez que influenciam o controle das emoções.



Brincar e a música, arte e contação de histórias

Os jogos e as brincadeiras variam de acordo com o momento e a idade das crianças, mas o mais importante é que os adultos estejam dispostos a compartilhar o seu tempo e energia com elas, desde a idade mais precoce. Bebês, por exemplo, adoram balançar-se, ouvir músicas e experimentar diferentes materiais, formas e texturas. As brincadeiras tradicionais, aquelas que a gente brincava quando criança, enfrentam algumas barreiras para acontecer mas seguem mantendo-se como as preferidas das crianças. Pular corda, pega-pega, corre-cotia, estátua, telefone sem fio e tantas outras, quando lembradas, têm sempre a pronta adesão de crianças das mais variadas idades.

As rodas cantadas representam um ótimo recurso para ensinar a criança sobre a nossa cultura, ampliando o seu conhecimento. Elas favorecem a socialização, a imaginação, o senso de observação, o equilíbrio corporal, o ritmo e a coordenação motora, entre outras habilidades. Brincar com arte é possível e isso inclui o desenho, a pintura, inclusive com utilização das partes do corpo, a modelagem, a escultura e o brincar de fazer teatro. Este último tem como característica o fato de ser uma arte coletiva, ensinando a criança a conviver em grupo, respeitar os seus limites e os dos colegas. Aquisição cultural, expressão corporal, expressão vocal, desinibição, expressão verbal e senso de observação são ainda alguns dos benefícios que o teatro proporciona às crianças.

Crianças que ouvem histórias começam logo cedo a tomar gosto pela leitura, essencial para o seu futuro e crescimento pessoal. Começam literalmente a “ler o mundo”. Ao reconstruir na mente os enredos e as relações de causa e efeito, começam a entender os pro-

cessos que são inevitáveis na vida e os que dependem de escolha própria. Crianças estarão de coração aberto para ouvir, entender e discutir conceitos e valores como: Amor, Respeito, Consciência Ambiental, Coragem, Lealdade, Justiça, Confiança, Cortesia, Disciplina, Paciência, Tolerância, Cidadania, Humildade, Cooperação, Alegria, Paz, entre muitos outros.



Visão IPA Brasil

Fazer uma boa programação das atividades lúdicas é quase tão importante quanto realizá-las. Para isso é preciso: conhecer o grupo; preparar o local; disponibilizar o material necessário e definir o tempo disponível para cada atividade.

Iniciar com uma atividade grupal é interessante para “aquecer” e incluir os mais tímidos. A finalização não deve acontecer em função do cansaço das crianças, pois elas precisam sair dali com vontade de voltar e brincar mais.

O brincar, a cultura popular e as narrativas têm ensinado as pessoas a imaginarem e a realizarem coisas, desde o início da comunicação humana. Os momentos afetivos com pais, mães, avós ou com os agentes do brincar,



compartilhando brincadeiras e histórias, serão lembrados pelas crianças para sempre. Tendo a chance de sonhar, a história delas tem mais possibilidades de começar bem.

Antes de contar a história para as crianças, o contador precisa criar um “clima”: mostrar-lhes a capa do livro, fazer perguntas sobre o que já sabem e criar um ambiente confortável.

Algumas técnicas auxiliam a conquistar e a manter o interesse das crianças: o contador deve dar a mesma atenção a todos; o ritmo da sua voz precisa vir acompanhado da expressão facial, necessita ainda dar vida aos personagens; estimular a participação dos ouvintes, para saber se estão entendendo e acompanhando o enredo; deve evitar repreender a criança que estiver desaten-

ta; ter o bom senso de interromper a narrativa quando o grupo não demonstrar mais interesse.

Contar histórias não depende só de livros. Pode-se utilizar materiais que produzam sons ou movimentos, o que atrairá a atenção, principalmente dos pequenos. Os fantoches feitos com meias ou luvas, os cartazes feitos com jornais ou revistas, os origamis ou até mesmo os desenhos ou textos produzidos pelas crianças, podem associar-se ao livro.

Ao finalizar, o contador pode aproveitar os momentos de encantamento despertados pela história perguntando a parte preferida de cada um e por quê. Pode enfatizar os valores morais nela contidos e ampliar o repertório das crianças ou propor que a recontem à sua maneira, utilizando o teatrinho de fantoches ou ainda construindo o seu próprio livro.



Os jogos cooperativos e a construção da paz

Os jogos cooperativos são atividades lúdicas, não competitivas, que incentivam o trabalho em equipe e uma interação saudável entre as crianças, especialmente aqueles em que se tem de agir junto com o outro. Eles ensinam a dividir, dialogar e a criar um bem comum e tendem a eliminar a competição egocêntrica.

Embora tenha a sua eficácia comprovada como recurso pedagógico e instrumento para a construção de comportamentos solidários e pacíficos, eles são ainda pouco utilizados por pais e educadores que justificam a sua posição alegando a “natureza competitiva” do ser humano. Estudos recentes confirmam que o comportamento humano sofre grande influência do ambiente social em que vive e que as opções de jogos e brincadeiras refletem a realidade onde se desenvolvem.

Tudo indica que foi o espírito cooperativo e não o competitivo que fez o homem se reunir e evoluir, como podemos observar em outras culturas diferentes da nossa. No jogo cooperativo, o adversário se transforma em parceiro e a energia do sentimento de raiva é substituída pela alegria do fazer junto, em harmonia e com resultado satisfatório para todos! Esses sentimentos aumentam a confiança em si e no outro e desenvolvem a cumplicidade e a autoestima entre os participantes.

A situação de violência agravou-se a tal ponto nas escolas e em outros agrupamentos com crianças, que ela vem despertando a atenção cuidadosa de gestores e educadores. Algumas iniciativas demonstram que é possível reverter o quadro com medidas simples a serem tomadas e os educadores têm importante papel. O recreio, por exemplo, pode ser um momento para o professor ensinar jogos que promovam o companheirismo e a cooperação em equipe e que não confundam a liberdade das crianças para brincar com liberdade para fazerem tudo o que quiserem, inclusive brigar.

A sala de aula pode modificar-se em um ambiente lúdico para lidar com os conflitos de maneira construtiva transformando as atividades pedagógicas em atividades coletivas. Disponibilizar material de educação artística, por exemplo, para o uso comum do grupo ajuda na compreensão, por parte das crianças, da importância de saber esperar a sua vez de escolher e da responsabilidade pelo uso de um bem comum. Estimulá-las a emprestar um material para o colega que não trouxe o seu próprio ensina a solidariedade e a cooperação.





Mudar padrões de comportamento vigentes não é uma tarefa fácil, mas, à medida que se praticam as atividades de cooperação, a frustração gerada pela eliminação nos jogos competitivos será substituída pela satisfação de chegar-se ao final, todos juntos.

Incentivar a prática dos jogos cooperativos precisa ser uma postura institucional e os professores necessitam ser continuamente capacitados para essa prática e das atividades de cooperação. A decisão deve ser tomada principalmente nos locais em que atuam com crianças pequenas, para que elas incorporem esses valores em seu cotidiano e possam reproduzi-los na sua vida como cidadãos.

Além do repertório tradicional de jogos cooperativos, com criatividade podemos transformar jogos competitivos em divertidos jogos cooperativos. Por exemplo: tênis pode virar frescobol; volêi pode transformar-se em volêi de lençol, passando a bola jogada em um lençol, de um grupo para outro; futebol pode ser jogado em duplas com os jogadores de mãos dadas, e muitos outros.

Para as crianças pequenas, pode-se estimular a construção de uma cidade inteira com a utilização de blocos de construção ou com material descartável, onde tudo é construído em duplas ou trios.

Embora em muitos jogos competitivos exista uma parcela de cooperação, o mais importante é mudarmos o conceito tradicional da competição – interação social excludente, transmitindo a ideia de “vencer a qualquer custo” e com benefícios somente para alguns –, para o da cooperação – interação social inclusiva com objetivos comuns, ações compartilhadas e benefícios para todos.



Espaços para brincar e os brinquedos

Importância e criação de espaços para brincar

Diariamente constatamos que os espaços destinados às crianças e as suas brincadeiras estão cada vez mais escassos. Isso se deve ao crescimento das cidades que, nem sempre, ocorre de maneira ordenada e em cujo planejamento não são incluídos os espaços destinados ao lazer da maioria da população.

As ruas e praças, que eram locais privilegiados para essas práticas, estão cada vez menos amistosas e adequadas ao convívio de todos. Assim, os espaços de brincar são: playgrounds dos conjuntos habitacionais ou de algumas praças, pátio das escolas, brinquedotecas e o interior das casas e apartamentos. As crianças precisam de espaços externos onde elas possam explorar, e não somente aqueles destinados ao seu lazer. Para isso, as ruas deveriam voltar a ser espaços para as brincadeiras.

Está comprovado que brincar em espaços externos, junto à natureza, com tempo, liberdade e na companhia de outras crianças, oferece estímulos constantes e variados e auxilia no desenvolvimento da coordenação motora, da imaginação, da inteligência e da criatividade e colabora para a socialização da criança que troca experiências, cria vínculos com outras crianças e com adultos, aprende a ser solidária e a respeitar as diferenças.

Podemos contar também com espaços internos para brincar e, nesse sentido, alguns fatores devem ser considerados, como: quais são os seus objetivos, a quem se destina, quem fará a animação e a mediação, quais os brinquedos e materiais que farão parte do acervo, quais são as condições de segurança e quem cuidará da sua manutenção, limpeza e reposição. A adequação do espaço para atender a quantidade de crianças que irão utilizá-lo e a escala adequada do mobiliário e dos equipamentos são ainda fatores essenciais do seu sucesso.

As brinquedotecas são espaços feitos para favorecer o direito de brincar e têm como principais objetivos: estimular a brincadeira infantil disponibilizando às crianças diferentes materiais, brinquedos e jogos. Podem estar instaladas em escolas, hospitais, espaços comunitários ou onde mais houver crianças dispostas a brincar. Elas têm uma metodologia própria e demandam a presença de um animador que é denominado brinquedista. O importante é que as crianças se sintam livres para fazer suas escolhas e brinquem de forma espontânea. O animador poderá fazer a mediação, estimulando-as e observando-as, mas sem interferir nas brincadeiras.

No contexto escolar, as brincadeiras e as atividades lúdicas podem ser o principal instrumento pelo qual as crianças pesquisam e aprendem. Brincar em situações educacionais proporciona não só um meio real de aprendizagem, como permite também que os educadores aprendam sobre as crianças, suas necessidades educacionais e avaliem o estágio de desenvolvimento em que se encontram.

É importante que os educadores conheçam e dominem as técnicas lúdicas que os ajudarão a desempenhar o seu papel, muitas vezes substituindo pais e mães, principalmente os que atuam com crianças pequenas. Quintais, playgrounds dos edifícios residenciais ou sala de casa são também espaços utilizados para brincar, principalmente nas cidades. Neles, as crianças poderão ter oportunidades de desenvolver jogos e brincadeiras, tendo inclusive a possibilidade de

conviver com crianças de diferentes idades e demais membros da família. O importante é salientar que o papel do adulto é sempre o de ser mediador, quando solicitado, ou participar das brincadeiras de forma contínua, respeitando a iniciativa e a autonomia das crianças na escolha das atividades e das suas regras.

Precisamos lembrar que a infância é um curto período em nossa vida e o mais importante deles, por isso temos que ser flexíveis e permitir que as crianças tenham o seu cantinho para brincar e que uma pequena desordem faça parte do nosso dia a dia, pois nada é para sempre e a criança precisa sentir-se efetivamente como parte da família.



Os gestores públicos e os cidadãos podem utilizar espaços nas comunidades, como terrenos baldios ou áreas públicas inativas, e transformá-los em espaços livres para brincar. A gestão ficaria com a comunidade, que poderia organizar um grupo de Amigos do Brincar.

Equipar adequadamente e com segurança os espaços ao ar livre, utilizando-os como local para as brincadeiras, desenvolve a motricidade, o equilíbrio e a sociabilidade, itens que oferecem às crianças a possibilidade de entrar em contato com os elementos da natureza. Nos espaços externos as crianças ficam mais tranquilas e desenvolvem melhor a noção espacial, além da sua criatividade.



Em todas as situações, deve-se sempre levar em conta a escala das crianças quando escolhermos o mobiliário e os equipamentos que irão compor principalmente o espaço interno de brincar. Este precisa ser seguro, organizado e estimulante, mas sem excessos, com cores suaves, superfícies lisas de fácil limpeza, cantos arredondados, boa iluminação e bem ventilado.

Quando não dispomos de espaço suficiente para instalar uma brinquedoteca, a sugestão é de que sejam organizadas caixas temáticas com conteúdos que incluem desde brinquedos para o faz de conta e jogos, até retalhos de tecido, roupas usadas, fantasias, maquiagem, pedaços de madeira e sucata, devidamente tratados, para que as crianças construam seus próprios brinquedos.

O espaço e o acervo de brinquedos devem atender às necessidades das crianças, despertando-lhes o interesse, a curiosidade e o sonho. Os materiais de uso precisam ser seguros e ter um mínimo de durabilidade, inclusive para evitar acidentes. Os espaços podem também estar organizados em “cantinhos”, que fazem sucesso entre as crianças como: fantasia, consultório, artes, casinha, leitura e jogos.

Oferecer oportunidades de brincar para pais e crianças no contexto escolar aproxima os pais da escola, transformando-os em parceiros dos educadores. A criação de uma brinquedoteca ou sala de jogos, por exemplo, que possa ser usufruída por toda a comunidade será um ponto de encontro para pais e crianças e para pais entre si.

Facilitar o desenvolvimento de atividades lúdicas e culturais entre crianças de séries e com idades diferentes favorece a interação social dos diferentes grupos.

As brincadeiras precisam fazer parte da metodologia escolhida e integrar o currículo escolar. O livro de histórias, os poemas, os jogos, os números, todas as artes e processos criativos tornam-se lúdicos, transformam-se em brinquedos e brincadeiras.

Brinquedos e brincadeiras, sua classificação e aquisição

Os brinquedos são objetos que fazem parte do imaginário infantil e, quando bem escolhidos, são instrumentos importantes para as brincadeiras das crianças, contribuindo para a sua educação.

Estudiosos têm proposto diferentes classificações, tanto para os brinquedos como para as brincadeiras, baseados nas competências que eles desenvolvem nas crianças. Mais importante, porém, é lembrarmos que, independente de qualquer classificação, as crianças brincam de acordo com o seu estágio de desenvolvimento, as estimulações e as informações que recebem dos adultos. Um mesmo brinquedo poderá ser utilizado de diferentes maneiras e pode desenvolver várias áreas simultaneamente.

A seguir, uma classificação muito utilizada para os jogos e as brincadeiras:

Exploratórios Oferecem oportunidades para explorar diferentes formas, sons, cores e texturas. São a base para desenvolver outras habilidades. Ex.: chocalhos; peças para empilhar ou encaixar; instrumentos musicais e outros.

Sociais Possibilitam a participação de um ou mais parceiros no jogo e obedecem a regras simples, preestabelecidas. Auxiliam a compreensão do outro, dos limites sociais e desenvolvem a capacidade de negociação. Ex.: jogo de damas, xadrez, dominó e outros.

Ativos Solicitam o uso das habilidades corporais e desenvolvem a capacidade motora. Ex.: pular, correr, saltar obstáculos, chutar bola, engatinhar, escalar.

Habilidades Requerem e também desenvolvem habilidades específicas. Ex.: atirar uma bola dentro de uma sacola ou em um alvo, jogar boliche, montar um quebra-cabeça, construir ou montar algo.

Faz de conta Desenvolve a imaginação e a criatividade, estimula a criança a vivenciar diferentes papéis, ajudando-a a compreender a realidade por meio do simbolismo. Ex.: brincar de mamãe e papai, herói e heroína, príncipe e princesa, escolinha, desenho, pintura e outros.

No momento de comprar brinquedos é importante que pais, tios e avós lembrem-se de algumas regras simples que enriquecerão o conteúdo dos presentes.



Algumas regras simples para a aquisição de brinquedos:

Brinquedos que trazem ideias prontas de-estimulam a criatividade. Os que oferecem desafios e diferentes formas de utilização são os mais indicados.

Crianças fantasiam bastante, por isso têm dificuldade em separar o real do imaginário, acreditando, assim, em tudo o que os meios de comunicação oferecem. O adulto pode e deve ajudá-las na escolha dos brinquedos adequados e seguros.

O vínculo entre as crianças e os seus brinquedos é importante para a construção da sua afetividade. Faz-se indispensável o relacionamento com os pais, que, brincando, se tornam seus companheiros durante os sonhos. É a oportunidade de demonstrar às crianças que ser é mais importante do que ter.

O brinquedo artesanal, em papel, tecido ou madeira é um forte aliado das crianças na

construção do seu faz de conta. Sua utilização auxilia, junto com o uso de brinquedos produzidos a partir de materiais reciclados, a reflexão das crianças sobre seus hábitos de consumo e descarte, orientando-os, dessa maneira, para uma visão mais consciente, participativa e socialmente responsável sobre o meio em que vivem.

Cada idade tem um modo específico de brincar e é em cada uma dessas fases que a criança aprende a diferenciar o real do imaginário.

O papel dos pais e de outros adultos é o de estimular a criança a brincar, mostrar que o jogo, o movimento, o desenho ou até a leitura, podem ser tão divertidos quanto a televisão ou o *video game*.





A construção de brinquedos e a sustentabilidade

A construção do próprio brinquedo vem sendo uma prática pouco comum entre crianças. Isso se deve à industrialização dos brinquedos produzidos em grande escala e à restrição dos espaços, o que dificulta o intercâmbio cultural. Muitas vezes essa prática fica restrita ao ambiente da escola ou da própria casa. Ao construir o seu brinquedo, a criança se coloca como produtora de cultura, pois fará uma leitura do mundo expressando sua criatividade, imaginação e fantasia.

Para construir brinquedos podemos lançar mão de materiais alternativos, o que inclui as sucatas ou itens extraídos da natureza, que se apresentam como verdadeiras matérias-primas. É importante frisar que, quando o educador oferece esse tipo de material às crianças, não deve esperar que todas façam os mesmos brinquedos ou, quando existe um modelo/referência, que as crianças façam uma cópia idêntica. Esse processo de criação é uma expressão artística da criança e, portanto, outras possibilidades poderão ser representadas.

A criança muito pequena ainda não possui habilidades, sobretudo motora, para construir seus próprios brinquedos, mas os adultos poderão ser importantes parceiros – eles os constroem para a criança brincar.

As crianças maiores poderão auxiliar na separação dos materiais e assim aprenderão a classificá-los de acordo com tamanhos, formas etc. O uso de instrumentos como tesouras, serrotes, martelos ou pregos deve

ficar restrito ao adulto ou a uma criança mais velha. É importante que elas aprendam as várias possibilidades que as sucatas e os recursos naturais podem trazer e as diversas adaptações ou substituições que poderão ser feitas, o que poderá ser descartado e o seu impacto na preservação do meio ambiente.



Realizar oficinas que envolvam adultos e crianças na construção de brinquedos desenvolverá a criatividade delas e a interação adulto-criança.

Antes de iniciar a construção de brinquedos é preciso tomar alguns cuidados, como a seleção dos materiais: latas, sementes, embalagens, rótulos, rolhas, tampas, plásticos, retalhos de costura, sobras de madeira, folhas, conchas, pedras e outros. Embalagens, por exemplo, poderão trazer algum componente tóxico ou possuir rebarbas que poderão provocar ferimentos. Além disso, todos deverão ser devidamente higienizados, ou seja, “sucata” com sujeira tem um único fim – o lixo.

Para crianças pequenas, brinquedos feitos com sucata poderão auxiliar de maneira positiva o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Exemplos disso são: os móveis feitos com varetas, canudinho, rolinho

de papel higiênico e fitilho; os chocalhos feitos com garrafas que poderão conter sementes, areia e pedrinhas; garrafas de diferentes tamanhos com água ou com areia (que dão noções de peso e medida); uma caixa de papelão que pode ser transformada em carrinho, casinha ou caminha para bonecas.

Elaboração de projetos lúdicos sustentáveis

Os eventos comunitários

Sempre que quisermos mudar uma situação ou melhorar a condição dos locais onde vivemos, pensamos em realizar algumas ações. Para fomentar o exercício do direito de brincar, por exemplo, podemos elaborar um projeto lúdico com a participação de todos, uma tarefa agradável que pode ser compartilhada por pais, educadores e cidadãos interessados.

Para tal, precisamos elaborar um planejamento que seja focado não apenas no interesse e nas necessidades das crianças, mas, também, nos objetivos que queremos alcançar. É preciso lembrar que quando criamos expectativas e geramos ações, seja nos grupos ou nas comunidades, precisaremos criar condições para que elas se sustentem. A sustentabilidade é um processo e baseia-se em alguns critérios: preservação do meio ambiente; justiça social; eficiência econômica; respeito à cultura local; participação democrática de todos os envolvidos, entre outros.

Ao planejar um evento comunitário sustentável precisamos avaliar o seu impacto mediante esses critérios e responder algumas perguntas em relação ao projeto, como: quais são os seus objetivos? Como é o grupo a que se destina? Qual a faixa etária das crianças? Respeita a diversidade e inclui todos os segmentos? Quanto tempo deve durar? Quais são os interesses e as habilidades dos participantes? Como envolver todos os interessados? Quem será responsável e pelo quê? Quais e quanto de material será utilizado? Quanto vai custar tudo? De onde virão os recursos? Quais serão os parceiros? Como avaliar os resultados? Qual será o impacto na comunidade? Quais as possibilidades de replicação do projeto?

Parcerias, sobretudo com os grupos locais, as escolas e as universidades, são fatores de sucesso e de permanência para o projeto que, após ter respondido às questões propostas, implantaremos. Durante o andamento do projeto poderemos ter de repensar as atividades e as ações desenvolvidas. Precisamos estar abertos para situações fora do planejado com o foco na definição inicial do projeto. Ao realizar um evento lúdico é importante manter sempre um objetivo real e atingível e assegurar a participação livre e continuada do maior número de pessoas. O mais importante é montar o evento lúdico transmitindo para o público mensagens positivas de: alegria, paz e respeito à criança, ao jovem, às diferenças e ao meio ambiente e, sobretudo, promovendo o direito de brincar.



Visão IPA Brasil

Na fase preliminar à elaboração de um projeto comunitário, precisamos conhecer o maior número de grupos locais e contatar as organizações da comunidade em questão, sejam elas públicas, sejam privadas, de caráter social ou empreendedor. As associações existentes e, em sintonia com os objetivos do projeto, são igualmente importantes, sejam da comunidade, sejam de fora dela.

Para iniciar o planejamento de um projeto podemos abrir uma roda de discussão: pedir aos participantes que listem objetivos interessantes de serem trabalhados e enfatizar que durante um projeto lúdico desenvolvemos muito mais do que apenas realizar o projeto em si.

Para aquecer a primeira reunião e conhecer a cultura local, podemos propor uma roda de histórias em que os participantes não apenas contam e ouvem boas histórias, mas também são incentivados a descobrir os prazeres da leitura e a criar novas maneiras de contar uma história.

Após a organização individual, divida os participantes em pequenos grupos e peça para que eles apresentem sua proposta para o projeto. Circule entre os grupos para ouvir

as ideias e incentive o compartilhamento de sugestões. Depois das apresentações, abra uma roda de discussão e peça que cada grupo elabore o seu projeto.

Depois de montar e planejar o projeto em cada uma das etapas, os grupos o apresentam para o grupo maior. Nessa hora é importante que haja uma abertura para sugestões, enriquecendo o projeto e agregando as propostas dos demais grupos.

Pesquisar em livros ou na internet sobre projetos realizados com sucesso em outros lugares ou mesmo na comunidade em questão para replicar o que já foi feito ajuda a não cometer os erros mais comuns e a acertar com as iniciativas de sucesso.

É importante planejar um evento baseado nos interesses e nas habilidades do público-alvo, por exemplo, se todos gostam de cantar e dançar, terão sucesso as apresentações baseadas em seus grupos musicais preferidos.

Uma iniciativa elaborada pela IPA Brasil, e já testada e aprovada, é o Brincandando. É um projeto direcionado para todas as pessoas que enfatiza a importância do brincar e do lazer para o desenvolvimento saudável das crianças e jovens, criando uma cultura do brincar. Para ver como organizar um Brincandando, visite www.ipabrasil.org/brincandando.





Pontos conclusivos

Pais e educadores precisam considerar que brincar é a melhor maneira de as crianças preencherem o seu tempo, pelos benefícios que ele oferece do ponto de vista intelectual, social e emocional. Se não tivermos no presente uma atitude de respeito com elas para que façam as suas descobertas no seu próprio tempo, dificilmente teremos o futuro que almejamos. Para isso, precisamos considerar que:

Brincar deverá sempre considerar as necessidades da criança.

Todas as crianças são diferentes. Elas têm gostos divergentes e brincam de formas diferentes.

Brincar é sempre controlado pela criança. Por isso também é importante.

Quando brincar se torna parte da rotina familiar, criar as crianças parecerá mais divertido e menos trabalhoso. É excelente para a saúde da criança e dos pais!

Muitas pessoas irão influenciar as experiências da criança pelo brincar. Os pais são as mais importantes!

Brincando com as crianças, os pais têm menos ansiedade, menos estresse e mais felicidade.

Famílias devem brincar juntas. Brincadeiras e jogos não são somente para as crianças.

O desenvolvimento na infância proporcionado pelo brincar é para toda a vida!

Sugestões de bibliografia para aprofundamento no Brincar

- » CASEY, Theresa. *Inclusive Play Practical Strategies for Children from Birth to Eight*. Second Edition. London: SAGE Publications Ltd., 2010.
- » COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Aventura pedagógica: caminhos e descaminhos de uma ação educativa*. São Paulo: Modus Faciendi, 1999.
- » CARNEIRO, Maria Angela Barbato; DODGE, Janine. *A descoberta do brincar*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.
- » DODGE, Janine; MARTINS, Marilena Flores; SAKAMOTO, Cleusa Kazue. *Guia dos Guardiões do Brincar: guia prático para promover o brincar em família e na comunidade*. São Paulo: Gênio Criador Editora, 2019.
- » FOLLETT, Micheal. *Creating Excellence in Primary School Playtimes*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2017.
- » GRAY, Peter. *Free to learn: why unleashing the instinct to play will make our children happier, more self-reliant, and better students for life*. New York: Basic Books, 2013.
- » GRUNSPUN, Haim. *Criando filhos vitoriosos: Quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005.
- » HART, Roger A. *Children's Participation: The Theory and Practice of Involving Young Citizens in Community Development and Environmental Care*. Published by Earthscan for UNICEF, 2013.
- » IPA BRASIL. Artigo 31. *Convenção dos Direitos da Criança: O desenvolvimento infantil e o direito de brincar*. São Paulo, 2013.
- » LOUV, Richard. *A última criança na natureza*. São Paulo: Aquariana, 2016.
- » MARTINS, Marilena Flores. *Cidadania é preciso*. São Paulo: Evoluir, 2012.
- » MARTINS, Marilena Flores. *Gigi e sua tesoura mágica*. São Paulo: Evoluir, 2014.
- » REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. *Guia do brincar: O direito de brincar de todas as crianças*. São Paulo, 2014.
- » THORNTON, Lucy; TALBOT, Janet Prest; FLORES, Marilena. *O direito de brincar: Guia prático para criar oportunidades lúdicas e efetivar o direito de brincar*. São Paulo, 2013.



A proposta deste livro é compartilhar com mães, pais, educadores e cidadãos conscientes reflexões sobre a criança, seu desenvolvimento e o seu direito às brincadeiras, à alegria e à vida. Aborda não só a importância do brincar, mas também sugere medidas práticas para implementar esse direito.

Brincar é preciso e também um direito!

O guia *Brincar é preciso!* vem atender a um desejo de muitos educadores, famílias e dirigentes de organizações de educação infantil que respeitam o direito de brincar organizando um tempo e vários espaços para que a brincadeira aconteça.

Parabéns pela organização deste material que assegura o direito de a criança brincar.

Profa. Dra. Vera Anselmi Melis Paolillo, MEd, PhD.

Oficial da Unesco – Escritório Antena de São Paulo

O direito de brincar, do nascimento à adolescência, é exposto neste livro de forma clara, atraente e bem fundamentada, tanto do ponto de vista legal, como psicológico e educacional. Através de uma visão aberta, contempla a diversidade em sua grande necessidade de brincar com o outro.

Dra. Vera Barros – Psicóloga. Membro do Board da International Toy Library Association;

Presidente do Conselho da Associação Brasileira de Brinquedotecas

O guia *Brincar é preciso!* é um precioso instrumento para pais, mães, educadores, a todos que se interessam pelo tema e principalmente para as crianças que habitam em nós, adultos, e – por que não? – para as próprias crianças.

Produto de longa experiência e inúmeras e relevantes contribuições da autora Marilena Flores Martins, cuidadosa coordenação editorial da Beatriz Monteiro da Cunha e maravilhosas ilustrações do Jonatas Tobias, este guia oferece-se como obrigatória presença nas prateleiras de todas as escolas, bibliotecas, universidades e organizações que lidam com a criança.

João Figueiró, médico, psicoterapeuta. Pesquisador na área da neurociência e primeira infância e presidente do Instituto Zero a Seis.

ISBN 978-85-87420-80-0

